

# O Hamlet de Avilez

## TEATRO

Helena Simões

Em 1987, Carlos Avilez cometeu a proeza de levar ao palco da Sala Polivalente, no ACARTE da Fundação Gulbenkian, a obra-prima que faz parte na nossa consciência coletiva, a *Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, de William Shakespeare (1564-1616), passado mais de meio século sobre a última temporada em que o Teatro Nacional tinha encenado a mítica representação de Eduardo Brazão, o primeiro Hamlet em Portugal.

Carlos Avilez e o Teatro Experimental de Cascais (TEC) voltam agora, 34 anos depois, a oferecer-nos a sua leitura da mais longa e ambiciosa peça de Shakespeare. Um espetáculo solar, que é um legado da sua vida de encenador, da sua veneração ao teatro como arte de representar as paixões humanas e do seu desvelado amor pelos atores. Num texto que promove todas as introspeções, este é também um espetáculo que reflete sobre a morte e, para além da morte, sobre o amor e a dívida ao teatro. Estreada, provavelmente, em 1601, há 420 anos, *Hamlet* não carece de atualizações, exprimindo, como nenhuma outra, a cisão do homem, essa "quintessência da poesia", na busca de significado para o mistério da vida e da morte.

Quem assistiu ao espetáculo no ACARTE, não pode deixar de o lembrar, ao ver a nova encenação de Avilez, e de constatar que esses três vetores já ali se encontravam, tendo agora, porém, maior veemência. Desde logo, a importância concedida à fulgurante entrada dos atores, com saxofone no vivo (Elmano Coelho) e que no espetáculo também acompanham Hamlet depois da sua morte. Atores, teatro dentro do teatro e representação da loucura para denunciar a mentira ou para revelar a verdade, o teatro assumido como espelho da natureza humana, num apolíneo imperativo de "Conhece-te a ti mesmo!". O espelho preside a este espetáculo, a refletir os atores em cena e o público na sala como ofiçantes do mesmo sacro ofício de viver e morrer.

A cenografia corrobora a componente de revelação: os cortinados e as paredes são painéis transparentes, que



RICARDO RODRIGUES

José Condessa em *Hamlet*, de Shakespeare com encenação de Carlos Avilez, no TEC no Teatro Mirita Casimiro

não conseguem esconder nem intrigas, nem espíões, metáfora da ágil e brilhante mente do príncipe Hamlet. Adicionadas de tecnologia vídeo, a permitir simular o espectro sonoro e visual do pai de Hamlet, com justa significação para a atualidade das realidades virtuais, a estabelecer relação dramaturgicamente produtiva com a natureza problemática da realidade, entre verdade e aparência. É a imagem e a voz de João Vasco que surgem nos *videowalls*, como fantasmas do rei assassinado, numa clara homenagem ao magnífico ator e fundador do TEC que, a par da iluminação correta, permite realizar a aparição e dar respaldo à personagem de Hamlet quando mais tarde duvida da autenticidade do fantasma.

Naturalmente, em *Hamlet* toda a intriga gira em torno do seu protagonista, lugar central que atrai todas as personagens, círculo infernal de simulação de loucura que engendra; elas servem o propósito de fazer evoluir Hamlet, metafisicamente, de melancólico, cético e deprimido pela morte súbita de seu pai, pelo casamento apressado de sua mãe com seu tio e usurpador do trono, até à renúncia ao mistério da morte que a todos iguala e à aceitação de uma vontade providencial.

Mas as demais personagens são igualmente memoráveis, tais como o casal régio, bem sinalizado por figurinos neomedievais: Cláudio, o ambicioso vilão e usurpador, numa excelente versão de Elmano Sancho ao construir com talento e técnica, pelo gesto e intenção, a figuração do cinismo e perversidade, ampliando a densidade psicológica da personagem, da pequenez existencial para a incapacidade de redenção; Gertrudes, mãe de Hamlet, numa subtil composição de Maria João Pinho, a desenharem com elegância e beleza a patética rainha em exaustão. Coute a Miguel Loureiro, o superministro de Estado, Polónio, que representa com segurança e desenvoltura, a conceder-lhe, por vezes, demasiada impetuosidade. Igualmente competente em seu outro desempenho, o delirante Coveiro, cômico-satírico, que de tão popular se torna filosofante.

É sempre um prazer ver Bárbara Branco em cena, atriz que marca presença pelo total domínio da cena, na expressão e modulação física e vocal. Todavia, a peregrina e angélica Ofélia, a filha dócil, obediente e dependente de seu pai e de seu irmão, e apaixonada por Hamlet, não é um papel com indícios de segurança, acabando por morrer, aniquilada pela crueldade nesse mundo infecto de Elsinore,

onde uma alma pura não pode sobreviver. Talvez o figurino não tenha ajudado a sinalizar a delicada e gentil personagem devastada pelas perdas e violência sofridas.

São, pois, personagens fascinantes que um pequeno texto de análise não consegue abarcar, mas é de destacar ainda João Gaspar numa execução correta e bem desenhada do solidário e leal Horácio, amigo até à morte do seu príncipe, e que fica para contar a tragédia no reino da Dinamarca.

A José Condessa coube a responsabilidade e o privilégio de representar o atormentado príncipe da Dinamarca, quicá a personagem mais complexa e fascinante da literatura dramática. Avilez coloca a sua entrada em cena na esquerda baixa, o *outsider*, aquele que observa a corte e Condessa desenvolve a sua personagem, do princípio ao fim do espetáculo, desse ponto de vista, sempre à frente dos acontecimentos, encontrando novas ressonâncias que organiza com generosidade, seriedade e arte. Nem uma palavra, das múltiplas que profere, se perde, pela verdade e imaginação que confere a cada uma e ao conjunto. Igual desenvoltura no movimento e gesto, prolongamento da sua compreensão total da personalidade multifacetada de Hamlet que com naturalidade e fluidez enriquece, tanto nas cenas de ousada exploração da loucura, como nos fabulosos soliloquios em que volta à ação para dentro de si, a verbalizar a própria consciência em evolução, dilacerada entre a moral e a verdade da existência.

Com liberdade estilística e vitalidade, Avilez dá-nos a conhecer de novo a peça de maior impacto na dramaturgia ocidental, numa sucessão inesgotável de temas e ideias, com um vultoso elenco coeso e corajoso, que deve ver ou rever. ■

### > HAMLET

de William Shakespeare, tradução Sophia de Mello Breyner Andresen, dramaturgia Miguel Craça, encenação Carlos Avilez, cenografia e figurinos Fernando Alvarez, desenho de luz Rui Monteiro, desenho vídeo João Pedro Fonseca, desenho de som surround e operação de som Hugo Neves Reis, coreografia Mónica Alves, desenho de luta Tiago da Cruz, assistência de encenação e direção de cena Rodrigo Aleixo, assistência de ensaios Henrique Gomes produção Raul Ribeiro, com interpretação de Bárbara Branco, Elmano Coelho (Saxofone), Elmano Sancho, Flávio Gil, Gonçalo Almeida, Henrique Gomes, João Gaspar, João Pecegueiro, José Condessa em Hamlet, Luiz Rizo, Marco Sá Pedrosa, Maria João Pinho, Miguel Amorim, Miguel Loureiro, Renato Pina, Rodrigo Cachuco, Sérgio Silva, Teresa Cárte-Real e João Vasco (voz off). Produção TEC.

Teatro Municipal Mirita Casimiro, de 5 a 21 de maio - de quarta a sábado às 19h e domingo às 16h.